

## Notas filosóficas sobre a educação em Kant: prolegômenos da obra “sobre a pedagogia”

### Philosophical notes on education in Kant: prolegomines of the work “on pedagogy”

*Adan Renê Pereira da Silva<sup>1</sup>*

*Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas<sup>2</sup>*

**Resumo:** Por educação, Kant definirá o cuidado com a infância, com a disciplina e com a instrução, elementos de base para o desenvolvimento humano. O presente estudo objetiva discutir a obra kantiana “Sobre a Pedagogia”, com foco no pensamento filosófico sobre a educação. Entende-se ser Kant um clássico, ou seja, seus pensamentos atravessam tempo e espaço, trabalhando filosoficamente questões como educação, infância, corpo infantil. Para atingir o objetivo proposto, além da revisão da obra citada, foram debatidos comentadores, em pesquisa de caráter hipertextual, de modo a enriquecer a discussão. Os resultados mostraram a atualidade do pensamento kantiano, evidenciando a educação como elemento de “hominização” e “moralização” do sujeito, por seu desvelamento como arte de educar e como arte da educação. Concluiu-se pela necessidade da constante reflexão que a prática pedagógica requer, o que implica pensar sobre infância, autonomia, moral, razão e natureza humana. Fundamental a crítica kantiana e da filosofia como um todo para a não naturalização de conceitos, bem como a percepção de que a finalidade da educação necessariamente a implica como filosofia da educação.

**Palavras-chave:** Kant; Filosofia da Educação; Educação.

**Abstract:** By education, Kant will define care with childhood, with discipline and with education, basic elements for human development. The present study aims to discuss the Kantian work “On Pedagogy”, focusing on philosophical thinking about education. It is understood to be a classic Kant, meaning his thoughts span time and space, philosophically working issues such as education, childhood, infant body. In order to reach the proposed objective, in addition to the review of the cited work, commentators were discussed, in hypertextual character research, in order to enrich the discussion. The results showed the relevance of Kantian thought, evidencing education as an element of “hominization” and “moralization” of the subject, for his unveiling as an art of education and as an art of education. It was concluded by the necessity of the constant reflection that the pedagogical practice requires, which implies to think about childhood, autonomy, moral, reason and human nature. Fundamental to Kantian criticism and philosophy as a whole for the non-naturalization of concepts, as well as the perception that the purpose of education necessarily implies it as philosophy of education.

**Keywords:** Kant; Philosophy of Education; Education.

## Introdução

A educação como parte da socialização humana é tema há muito discutido pela literatura no campo das ciências sociais (DURKHEIM, 1973; DURKHEIM, 1974; CANIVEZ, 1991; MULLER, 2008). Isso implica pensar situações que se mostram desafiadoras ao processo educativo. Entre estas situações, talvez a

---

1 Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas.

2 Doutora em Diagnóstico e avaliação educativa-psicopedagogia pela Universidade de Coruna. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

principal seja refletir sobre o sujeito a quem se destina o ensino e a própria educação: Quem é este sujeito? Como deve ser educado e qual o papel da educação?

Para debater tais questões, a educação, enquanto terreno interdisciplinar, utiliza-se de múltiplos referenciais e saberes. Um deles, dada sua importância e sua capacidade de gerar reflexões em torno de questionamentos, é o filosófico. Pela amplitude deste campo, esmerou-se em trazer para primeiro plano um pensador que pudesse contribuir com a missão filosófica do indagar-se. Escolheu-se, então, Kant, por ser, nas lições de Silva (2007, p. 34), o “pensador da modernidade”, rompendo com a tradição especulativa ao propor o questionamento da existência de uma razão pura desatrelada da experiência sensível.

Por intuir-se dialogar com a educação, objetivou-se delimitar a discussão kantiana neste escopo. Para tanto, privilegiou-se a obra “Sobre a pedagogia”, em que o tema é aprofundado e o filósofo debruça-se nas questões da educação e da infância. Entende-se a importância deste prolegômeno por ser Kant um clássico, o que, nas palavras de Calvino (2009, p. 18) implica que “[os clássicos] chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram”. Assim, os pensamentos perpassam tempo e espaço, tornando a leitura sempre atual. Kant também trabalha conceitos como “moralização”, “autonomia”, “disciplina”, entre outros, deixando a obra ainda mais rica o que, para educadores, é fundamental importância, já que não se pode conceber processos educativos que desfoquem da integralidade do ser.

A obra “Sobre a pedagogia” é resultado de três cursos (1776/1777, 1783/1784 e 1786/1787) desenvolvidos por Kant na Universidade de Königsberg (FONTANELLA, 2011). Por educação, Kant define o cuidado com a infância, com a disciplina e com a instrução, elementos basilares para a formação humana. A educação sugerida por ele é, concomitantemente, arte e liberdade (RIBEIRO; ZANCANARO, 2011).

De modo geral, a obra divide-se em três momentos: uma introdução, reflexões sobre a educação física e reflexões sobre a educação prática. Na Introdução, sobressaem aspectos gerais da obra, principalmente os conceituais, ajudando a visualizar como o autor desenvolverá seus argumentos: quais as atividades devem ser desenvolvidas e por qual motivo. A seguir, discute-se acerca da educação física (segunda parte) e, na terceira, trata-se sobre a educação prática. O próprio Kant explicará esta divisão (2011, p. 34):

*A pedagogia, ou doutrina da educação, divide-se em física e prática. A educação física é aquela que o homem tem em comum com os animais, ou seja, os cuidados com a vida corporal. A educação prática ou moral (chama-se prático tudo o que se refere à liberdade) é aquela que diz respeito à construção (cultura) do homem, para que possa viver como um ser livre [...] (grifos no original).*

Entendeu-se que a melhor forma para expor os achados seria em dois momentos: uma revisão baseada em alguns autores que debateram educação em Kant, ajudando a contextualizar a obra e o pensamento do autor, e seguir, a reflexão da obra em si, com foco na educação.

## Kant e a educação

Falar de Kant e sua obra implica pensar as condições que os engendraram em uma perspectiva holística. Fruto de um tempo e de um espaço, é necessário começar a análise pensando da onde parte o sujeito. Nesta premissa, Souza Júnior (2005) salienta alguns pontos que influenciaram a produção kantiana e o próprio Kant, como a Reforma Protestante e o Iluminismo, abalando os alicerces não só da educação, mas também da religião e da moral.

No tocante à Reforma Protestante, Souza Júnior (2005) mostrará, como influência, uma educação que deve ser humanista, igualitária e moral. Esta proposta, inicialmente de Lutero, também será adotada por Kant. O século XVI, graças à Reforma, propiciará uma mudança na mentalidade cristã, trazendo a possibilidade de o homem pensar de forma autônoma e não unicamente pela Igreja. Se isto, por si, já enfatizaria a autonomia humana, tal autonomia é amplificada pelos ideais iluministas, os quais objetivavam emancipação, liberdade e pensamento próprio dos seres humanos.

Estes dois pontos, conjuntamente, abalam as bases do saber, passando a imiscuir-se nas ideias que tangenciam a educação, a religião e a moral.

A educação em Kant tratará de elementos reais para uma transformação social, ainda que presa em um intelectualismo grande. O filósofo esperava uma contribuição da educação no sentido de desenvolver uma consciência crítica, iluminando a razão, o que implicaria um sujeito capaz de crescer autonomamente (SOUZA JÚNIOR, 2005).

Esta contribuição esperada já aparece no início da discussão, quando Kant articula o homem infante, educando e discípulo, cercado de disciplina, instrução e informação. Ao pensar na educação como cuidado com a infância, a ênfase na possibilidade de conceber uma pessoa autônoma começa a ganhar contorno.

Destarte, falar da educação em Kant é expressar a visão que o filósofo possui de ser humano, de sociedade e da missão da educação. Especialmente na obra em análise, tais concepções impregnarão o desenvolvimento de suas ideias e servirão como uma espécie de roteiro ao leitor. De modo geral, Kant visualiza um homem norteado pela razão e pela moral, percebe a sociedade de um modo progressista e vê na educação o instrumento para moralizar o homem, “humanizá-lo”, sendo tal instrumento aperfeiçoado de uma geração para outra, pois a educação não deve visar apenas ao presente, mas também ao futuro. Neste tópico, procura-se demonstrar, por intermédio de alguns autores que revisaram Kant, como tais observações podem ser analisadas e contextualizadas.

Ribeiro e Zancanaro (2011) pontuam que o filósofo tinha verdadeiro interesse pela educação. Para corroborar esta afirmação, destacam três provas ligadas ao público para o qual Kant se dirigia:

- 1) Um grupo era formado por pessoas educadas e impressionadas com a ciência newtoniana;
- 2) o segundo grupo era formado por outros filósofos;
- 3) o terceiro grupo, finalmente, o mais importante grupo a quem Kant se dirigia era o formado por pessoas comuns relativamente não educadas e desprovidas da lei moral. Isso porque a moralidade para os seres humanos é, na visão de Kant, o resultado pretendido de um processo educacional extensivo (RIBEIRO; ZANCANARO, 2011, p. 96).

De plano, percebe-se uma preocupação com a moral e de como o sujeito a apreende. Silva (2007) é um dos estudiosos que corrobora tal afirmação, pois, segundo ele, para Kant, a moral não é inerente ao homem e sim uma construção realizada majoritariamente pela educação. Educar seria aflorar a reflexão crítica do aluno, com a formação do caráter atrelada ao cultivo da boa vontade, fundamentando-se no exercício crítico da razão, mesclando-se objetivo e subjetivo, individual e coletivo num mesmo roteiro. Torna-se necessário um processo de moralização.

E o que seria a moralização? A moralização é entendida por Menezes e Boto (2014, p. 450) como constituição de deveres. Para eles, os deveres incluem a relação do sujeito consigo mesmo e com os outros: em derradeiro estágio, com toda a humanidade. “[...] Será, por sua vez, o reconhecimento de deveres perante

os outros que possibilitará a descoberta de um princípio regulador da acepção de direitos constitutivos da condição humana [...]”. Assim, desde cedo é preciso orientar os infantes com base no dever e na imagem da lei.

Neste sentido pensam Ribeiro e Zancanaro (2011), para quem Kant visualizaria na educação uma condição *sine qua non* para o alcance da autonomia individual. Obtida a autonomia, o homem consagra-se vencedor sobre o mal e um propulsor do bem. Essa visão de sujeito é invenção kantiana e aí reside a genialidade conceitual. O filósofo parece querer incentivar cada ser humano a usar a própria razão (teórica e praticamente), o que só pode ser feito quando suplantamos nossa animalidade: um perigo em potencial de não realização plena enquanto pessoa. Lembra-se que, obter autonomia, em Kant, significa ter liberdade, conforme leitura de Brito e Lima (2017).

Ainda sobre a importância da educação, também Brito e Lima (2017) enxergam-na no sentido de um processo imbricado com a moral, já que uma boa educação seria a fonte de onde emanaria o bem. Neste viés, sobressaem algumas características pragmáticas: preservar a vida, civilizar o homem e evidenciar princípios morais. Tais características só podem ser adquiridas mediante o desempenho da educação como arte, como disciplina, como axiologia (que sociedade se quer?) e como geradora de autonomia do sujeito. A seguir, mostra-se como cada um destes pontos pode ser entendido com foco na leitura de comentadores.

A educação tornar-se-ia arte porque fruto da ação humana, porque instrumento pedagógico de estudo visando educar para o futuro, porque trabalho intergeracional de objetivação prospectiva (SILVA; FELIPE; MASCARENHAS, 2018). Expandindo a noção de arte, Perine (1987) salientará o conceito na ideia de “gradação” pela qual homens e mulheres desenvolvem a educação: das gerações anteriores, passando pela atual (a qual deve visar a um estado melhor do que a recebeu), que deve entregá-la enquanto um projeto de melhoramento para as gerações futuras.

Enquanto disciplina, Wendt (2012) a situa como parte do processo educativo e como instrumento de moralização. Entretanto, o autor pontua que disciplina não se confunde com autoritarismo:

A ideia de autoritarismo é, por diversos momentos, confundida como exercício da disciplina, seja ela política, militar, jurídica, ou ainda educacional, e aqui incorre um dos grandes problemas pedagógicos. Na verdade, autoritarismo e disciplina residem, segundo a pedagogia de Kant, nos dois extremos do processo pedagógico, pois o uso despótico da disciplina não conduz à autonomia, impedindo, neste sentido a visualização dos estreitos laços que unem a educação com a formação moral dos sujeitos. Deste modo, o esclarecimento da ideia de disciplina vem carregado do desejo de demonstrar como ela é condição necessária, na educação, para auxiliar na condução à autonomia dos sujeitos enquanto agentes morais. Ao educar moralmente uma criança se está despertando a consciência de que a lei moral reside no infante mesmo. Isto dá a possibilidade de criar-se através da educação sujeitos morais e autônomos (WENDT, 2012, p. 16).

Andrade (2012) também vê a disciplina distante da ideia de autoritarismo. Para ela, disciplinar não tem o condão de impor regras, leis ou ordens e sim procurar impedir que a animalidade aproprie-se do homem. Ao discutir disciplina na educação sob a filosofia kantiana, salienta que ela é apresentada como um caráter negativo, no sentido de algo que deve ser retirado do homem: esse algo seria seu instinto, impulsividade e inclinação, servindo como preparação para a parte positiva da educação prática.

Kant explica: “A educação abrange os cuidados e a formação. Esta é: 1. negativa, ou seja, disciplina, a qual impede os defeitos; 2. positiva, isto é, instrução e direcionamento e, sob esse aspecto, pertence a cultura [...]” (KANT, 2011, p. 29). Apesar de aglutinadas, Andrade (2012) parece entender esta enumeração kantiana como uma ordem, em que a parte negativa precede, durante certo tempo, a parte positiva, até que elas se tornem imbrincadas:

Se focalizamos na questão específica da disciplina, podemos então dizer que ela é puramente negativa, ou seja, apresenta um caráter negativo, afinal, é a espécie mediante o qual se tira do homem a sua selvageria, do seu estado bruto, de sua condição instintiva, impulsiva ou de inclinação, o que significa, para o filósofo, em dizer não à animalidade, preparando o homem para o momento de formação e desenvolvimento, isto é, a parte positiva da educação prática (ANDRADE, 2012, p. 182-183).

É interessante captar, com Wendt (2012), que a educação, conforme concebida por Kant, possuirá uma finalidade, qual seja, um ideal geral de sociedade, no qual os indivíduos estejam em constante evolução. Não se pode esquecer, com esse intuito, o que já foi gestado pelas gerações passadas, trazendo para a atual o cabedal de ideais das precedentes.

Para tanto, faz-se necessário o homem pensar por si, o que redundará na aquisição da autonomia por meio da educação. Para formar sujeitos autônomos, a educação deve “[...] unir lições de experiência e os projetos da razão, já que a autonomia se dá especificamente quando o homem segue a lei universal que sua própria razão proporciona” (BRITO; LIMA, 2017, p. 205).

Para se tornar moral, obtendo maturidade intelectual – ou seja, usando o próprio entendimento sem orientação de outrem –, é preciso que o homem entenda que vive com o outro, em sociedade. Este entendimento é mediado pela educação e deve ocorrer desde a infância, em uma perspectiva crítica. Entende Silva (2007, p. 39-40):

A verdadeira função da educação não consiste simplesmente em treinar ou adestrar as crianças, mas em fazê-las pensar. Consciente de que as leis morais podem e devem ser deduzidas somente pela razão, Kant sustenta que é preciso ensinar as crianças a odiar o vício por ser desprezível em si mesmo e não pela simples razão de que Deus o proibiu: caso contrário, as crianças e os jovens poderiam deduzir que o vício poderia ser permitido e praticado se Deus não o houvesse proibido.

Daí a ênfase em um projeto da razão como princípio social, ético e político baseado na autonomia do sujeito dotado de desejos. A efetivação deste projeto depende da educação (SILVA, 2007). Educar, como depreendem Menezes e Boto (2014) seria olhar adiante, forçando o sujeito a sair do local em que se encontra. Ser autônomo e moral é ir para além da natureza, conforme distinção pensada pelo filósofo. Brito e Lima (2017, p. 211) entendem que existe um cuidado kantiano com três aspectos humanos: infância, disciplina e instrução. E, mais uma vez, ratificam: “com isto, é notável que, além de ser um processo que educa o homem para a liberdade, a educação está totalmente vinculada com a moral”.

Ribeiro e Zancanaro (2011) corroboram as interpretações aqui apresentadas e acreditam ser a pedagogia kantiana um esforço para a construção de um indivíduo autodeterminado criticamente, que pensa para escolher o que é correto, justo e bom. Mais uma vez, visualizar-se-á a educação como condutora do processo de “tornar-se homem”, sendo as pessoas reflexos do que a educação construiu. Isto retirará a espécie humana de um estágio bruto e selvagem e a elevará à condição de autônoma e civilizada. Como recursos, a educação utiliza a disciplina e a instrução, dando ao sujeito modos de tornar-se verdadeiramente livre. Pensando o sentido de “civilização”, aclaram os autores:

Frequentemente, o termo “civilização” é usado por Kant como parte de um sequenciamento de estágios necessários para o desenvolvimento humano; a civilização conduz ao último estágio da educação, que é a moralização. A moralização, tal como posta em *Sobre a pedagogia*, não pode ser uma simples adição da cultura e da civilização. Para Kant, a humanidade está, ainda, muito distante do estágio final da moralização e vive em um tempo de treinamento disciplinar de cultura e de civilização, mas de modo algum em um tempo de moralização [...] (RIBEIRO; ZANCANARO, 2011, p. 96-97).

É assim que compreendemos porque ser dotado de razão não é necessariamente ser dotado de moral: a própria razão precisa ser educada, treinada, para, só assim, ser moralizada. Conforme pontuam Silva, Felipe e Mascarenhas (2018), a concepção kantiana de educação implica a passagem da animalidade para a humanidade, sendo, portanto, civilizatória. Entram em ação a disciplina, a liberdade, considerada uma inclinação natural humana e um conceito de razão. Isto posto, a educação se tornaria prática e aperfeiçoamento, com uma finalidade moral: o homem produtor de bem.

De modo geral, este primeiro momento ajuda a vislumbrar a atualidade do pensamento kantiano, revelando sua aproximação com as questões do tempo presente. As reflexões em torno do “status” humano, de como as pessoas desenvolvem-se atravessadas por processos como o da moralização, da/na sua relação com outras pessoas e da responsabilização na busca pelo bem implicam o fazer pedagógico no pensar elementos para subsidiar uma concepção do “sujeito que aprende” e também em um viés axiológico e teleológico: como desenvolver nos infantes a necessidade da busca pelo bem? Com base em que valores? Há um chamado ético-moral para a pedagogia, qual seja, o “de que modo” formar pessoas que visem ao bem coletivo e que se vejam implicadas no futuro para as gerações vindouras. Na próxima seção, esboçam-se contribuições kantianas elencadas na obra em comento.

### **“Sobre a pedagogia”: contribuições para a prática educativa**

Neste tópico, evidencia-se um panorama da obra conforme nossa análise e de alguns comentadores. O objetivo é focar nas contribuições para a prática educativa, por intermédio da reflexão filosófica.

Em sintética visão, Silva, Felipe e Mascarenhas (2018, p. 58) contam que “Sobre a pedagogia” possui um caráter atemporal, posto que Kant destaca-se pela forma como diz o que diz, levando o educador a indagar-se: “para quem eu ensino? Quem é o ser que aparece em frente a mim? Por que educo? Qual a finalidade do educar?”. Questionar-se tornar-se-ia importante por retirar o educador de um local de comodidade, levando a pedagogia a um constante exercício de crítica.

Menezes e Boto (2014, p. 441) contam que “Sobre a pedagogia” tomou forma durante cursos ministrados por Kant na Universidade de Königsberg. De inspiração rousseauiana, destaca-se na obra a discussão em torno da moralidade, entendida como parte do processo instrutório e que deve ultrapassar a natureza, preparando a infância e a juventude para a vida coletiva.

Pode-se captar a influência de Rousseau em trechos literais da obra “Sobre a pedagogia”, em momentos que Kant o cita textualmente - como na discussão sobre a educação física: “[...] Mas Rousseau foi o primeiro a chamar a atenção dos médicos sobre as qualidades deste primeiro leite, se acaso não poderia ser útil à criança, uma vez que a natureza nada fez em vão” (KANT, 2011, p. 38) e também “[...] Rousseau nota que, se beliscarmos as mãos de um bebê de seis meses, ele chora como se um tição ardente se lhe tivesse caído sobre a mão; ele já ajunta aqui a ideia de ofensa [...]” (KANT, 2011, p. 44). Estes trechos literais mostram como deveria ser educada uma pessoa no que tange aos aspectos físicos e são de grande importância para o debate promovido pelo filósofo.

Além do exposto, estes trechos literais dão não só a certeza de que Kant usou o pensamento de Rousseau diretamente dos escritos dele: também evidenciam como se transmutou o ideal rousseauiano em “Sobre a pedagogia”: ora na descoberta e exploração da infância como um período da vida (PERINE,

1987), ora na consideração da educação como um instrumento para moralidade e as implicações políticas decorrentes desta consideração (GONDIM; VERAS, 2017). Kant ser um leitor de Rousseau faz levar em consideração que o diálogo entre eles não é surpreendente. Entre concordâncias e dissidências, os filósofos geraram importantes pontos para o exercício reflexivo, como demonstra a obra em análise.

Refletindo sobre o contexto social em que foi desenvolvido, esclarecem Ribeiro e Zancanaro (2011, p. 94):

Nessa época, Kant tem bem amadurecida a concepção de que a organização social da Alemanha está bastante longe dos ideais do Iluminismo, devido ao despotismo político e à falta no sistema educacional do seu país de princípios universais advindos de uma moralidade apriorística que, aplicados no processo educativo, levariam os homens à liberdade e à felicidade. Portanto, com base neste pensamento, Kant lança uma pergunta até hoje questionada: como se poderá tornar os homens felizes, senão os tornarmos morais e sábios? Para que os homens se tornem morais e sábios e, portanto, felizes, é preciso que sejam educados.

Formalmente, como pontuado na introdução deste trabalho, a obra divide-se em três momentos. Sobre o primeiro deles, a Introdução, concorda-se com Perine (1987), em clássica análise sobre a educação kantiana, para quem é neste momento da escrita que se nota propriamente a discussão filosófica. Já as demais partes da obra expõem a experiência pedagógica do filósofo e de seu amplo repertório cultural das tradições pedagógicas de Basedow e de Lutero.

Na Introdução, Kant salienta o fato de o ser humano ser a única espécie a precisar ser educada, entendendo-se por educação o cuidado com a infância, a disciplina e a instrução com a formação, sendo o homem, concomitantemente, infante, educando e discípulo. Os pais necessitam cuidar das crianças para que estas não façam mau uso de suas forças.

Analisando esta conclusão, Silva (2007) percebe na educação em tons kantianos uma necessidade para o esclarecimento do homem. Como membro da espécie, o homem vive em sociedade, gera cultura e precisa precaver-se de um uso nocivo das próprias forças, ao que os pais devem cuidar nas crianças.

Neste sentido, fundamental a disciplina. É ela que, para Kant, fará a passagem da animalidade para a humanidade. O homem gosta tanto da liberdade, que, se a ela acostumar-se, tudo por ela fará. Por seu “estado bruto”, precisa de outra pessoa que o auxilie. A disciplina torna-se, assim, impeditiva de que o homem saia do próprio destino, da humanidade, por compartilhar também da animalidade, o que tende a deixá-lo na selvageria. Se a disciplina acaba por ser negativa, a instrução seria a parte positiva. Por isso, há de se pensar a função da escola (KANT, 2011, p. 13):

[...] as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam, de fato e imediatamente, cada um de seus caprichos.

Se o homem não se submete desde cedo à disciplina, conservará certa rudeza no decorrer da vida. É preciso evitar desde uma afeição materna excessiva à falta de limites durante a juventude. Portanto, vital ao homem duas coisas: cuidados e formação (disciplina e instrução). Isso redundaria naquilo que, para Kant, torna o homem verdadeiramente um homem: a educação. O homem é resultado da educação, ou, nas palavras de Kant (p. 14), “ele [o homem] é aquilo que a educação faz dele”. Somos movidos por uma teleologia, um fim a ser alcançado, o que não pode ser obtido sem um autoconceito (o que é ser homem e o que é ser mulher?). É necessário educar.

O filósofo destaca estar o segredo da perfeição humana atrelado ao próprio problema da educação, do que se pode depreender o grau de importância que atribuía a ela. A natureza humana aprimorar-se-ia por intermédio da educação, sendo necessário um projeto de teoria educacional. Reconhecendo a diversidade humana, princípios educativos gerais regulariam esta pluralidade: “[...] os animais cumprem seu destino espontaneamente e sem o saber. O homem, pelo contrário, é obrigado a tentar conseguir seu fim; o que ele não pode fazer sem antes ter dele um conceito [...]” (KANT, 2011, p. 18).

Entretanto, educar em Kant não seria meramente treinar ou adestrar os infantes, mas exercitá-los a pensar. O filósofo acredita que leis morais podem ser deduzidas pela razão, assim, pode-se ensinar as crianças a odiarem coisas nocivas pela nocividade em si, assentando-se o julgamento exclusivamente em bases racionais. Grande seria a missão educativa, libertando o homem da ignorância, funcionando como elemento emancipatório (SILVA, 2007).

Este modo de interpretar a obra kantiana é ratificado por Ribeiro e Zancanaro (2011), que entendem a pedagogia alicerçada na autodeterminação crítica do sujeito, levando-o a pensar e prontificando-o a fazer escolhas dentro do que é correto, justo e bom. E isso só pode ser realizado pela educação, produtora do homem e resultado dele também.

Logo, a educação é algo além de mera imitação, inclusive porque os exemplos que as crianças veem ocorrem de forma descontinuada – por exemplo, os filhos não estão sempre com os pais, logo, não podem imitá-los o tempo inteiro. A educação precisa ser buscada pelo coletivo social. Daí uma primeira aproximação de Kant entre a educação e a arte: enquanto arte, a educação é prática e aperfeiçoamento pelas gerações. Há de se buscar um valor, que, para o filósofo, é o bem, ou seja, “[...] educar-se e, quando se é mau, produzir em si a moralidade: eis o dever do homem” (KANT, 2011, p. 19). Nesta mesma página, Kant afirmará literalmente ser a educação uma arte, a qual entrelaça-se e aperfeiçoa-se por várias gerações.

Esta “gradação” ocorre para que a educação possa atingir seus objetivos, havendo um valor a ser buscado pela espécie humana: o bem. Posto que “toda educação é uma arte” (p. 21), deve ser raciocinada, desenvolvida pela pedagogia, para que o homem consiga cumprir seu destino. Outra marca da educação é sua necessidade de ser orientada para o futuro e de modo universal. Kant chega mesmo a afirmar que ela é a origem de todo o bem. Para o filósofo:

Um princípio de pedagogia, o qual, mormente, os homens que propõem planos para a arte de educar deveriam ter ante os olhos, é: não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e de sua inteira destinação (KANT, 2011, p. 22).

O projeto educativo deve assim, ser universal, visando ao bem-estar coletivo, por ser a educação a origem de todo o bem no mundo, devendo as escolas serem dirigidas por pessoas competentes e ilustradas, pois que toda cultura origina-se no privado e passa a difundir-se. São metas que o homem pode atingir pela educação: ser disciplinado (impedindo a selvageria), tornar-se culto (adquirindo instrução e diversos conhecimentos), prudente (ocupando seu lugar na sociedade, sendo querido e tendo influência) e moralizado (disposição de escolher apenas os bons fins, aqueles aprovados por todos).

Para tanto, o pensador de Königsberg pondera que não é suficiente treinar as crianças, é urgente que elas aprendam a pensar, a “[...] odiar o vício por virtude, não pela simples razão de que Deus o proibiu [...]” (p. 27). Este fim pode ser obtido mediante a articulação entre educação privada (oriunda da família) e

pública (Estado). Os institutos públicos aperfeiçoariam a educação recebida em casa, sendo mais vantajosa, tanto pelo desenvolvimento de habilidades, quanto pelo respeito ao caráter que deve possuir um verdadeiro cidadão. À infância caberiam dois momentos da arte educativa:

O primeiro período para o educando é aquele em que deve mostrar sujeição e obediência passivamente; no segundo, é-lhe permitido usar sua reflexão e sua liberdade, desde que submeta um e outra a certas regras. No primeiro período, o constrangimento é mecânico; no segundo, é moral (KANT, 2011, p. 30).

A educação deveria ir até aproximadamente os 16 anos, quando se desenvolve o instinto sexual e o homem passa a ter autodomínio. A partir daí o ideal é que o homem se torne pai, passando a reproduzir o ciclo. E como educar a criança?

Kant trabalhará com um conjunto de três regras: a criança precisa ser livre desde a primeira infância, desde que não impeça a liberdade alheia; deve-se mostrar a ela que pode conseguir seus objetivos, desde que dando liberdade também a outras pessoas e, por fim, salientar ao infante que as restrições que a ela são postas visam ao bom ensino que possam fazer de sua liberdade, dispensando, no futuro, os cuidados que hoje lhe são fornecidos.

Uma experiência corporal não passará despercebida aos olhos de Kant, a do sexo. Para ele (2011, p. 34): “Há ainda uma dificuldade que não deve ser aqui esquecida, e refere-se à experiência precoce do sexo, a fim de preservar do vício os adolescentes, antes da idade madura”.

Passando-se ao próximo tópico, em “Sobre a Educação Física”, Kant (2011, p. 37) define essa educação como aquela que consiste “propriamente nos cuidados materiais prestados às crianças ou pelos pais ou pelas amas-de-leite ou pelas babás”. Muitos pontos são levantados sobre infância, corpo e educação: amamentação, temperatura corporal adequada, agasalhamento, choro, se se deve embalar bebês, uso de brinquedos e brincadeiras, entre outros.

Kant defende o aleitamento materno tal como, inclusive, nos moldes hoje preconizados: “[...] é muito vantajoso para a criança e para a mãe que ela própria a amamente” (p. 37). Passeando por mitos à época vigentes (“quando a mãe ou a ama-de-leite se alimenta por algum tempo exclusivamente de vegetais, seu leite coalha como a de uma vaca, por exemplo”, p. 38), Kant discute-os e fornece um panorama de como deve se dar a relação da criança com seu corpo em desenvolvimento, mediado, principalmente, pelos pais.

Alguns exemplos desse panorama são: “tenha-se igualmente o cuidado de não dar aos bebês bebidas e alimentos muito quentes, porque tudo isso os enfraquece” (p. 40); “[...] a cama dos infantes deve ser fresca e dura. Os banhos frios também são bons” (p. 40); “[...] se nós transformamos os bebês como que em múmias, é somente para nossa comodidade, isto é, para evitarmos a chateação de impedir que eles fiquem defeituosos [...]” (p. 41); “[...] contudo, em geral, o embalar o bebê de nada serve. Prejudica a criança ser balanceada de um lado para outro” (p. 42). Crê-se que o importante a ser destacado é como Kant preconiza regras para que a criança possa crescer saudavelmente, considerando como o corpo infantil imbrica-se nesse processo, sendo o primeiro local de cuidado para que o ser humano possa crescer saudavelmente, podendo desenvolver-se em sua plenitude.

Kant recomenda que se deixe a criança chorar, que não se cedam aos caprichos da infância e dá conselhos quanto à educação moral do menor. Interessante perceber a importância que dá ao comportamento dos adultos para que se desenvolva uma criança não dissimulada:

Assim, por exemplo, para citar apenas um caso, é algo estranho que alguns pais, depois de terem batido com a vara em seus filhos, exijam que depois lhes beijem as mãos. É propriamente acostumá-los à dissimulação e à falsidade. Os golpes não são, pois, um belo presente pelo qual alguém possa mostrar-se agradecido; e pode-se imaginar facilmente com que coração a criança beija a mão de quem lhe bateu! (KANT, 2011, p. 45).

Com ênfase no conceito de “natural”, Kant aconselha que se deixe a criança engatinhar até que comece a andar. Pensa que as quedas infantis são processos normais do período que ajudam a criança a usar determinadas partes do corpo, como as mãos. Também entende que o infante deve aprender a escrever por si mesmo e que, em caso de deformações corporais, “A melhor coisa é que a criança se exercite por si mesma e assuma uma posição, ainda que incômoda para ela, pois que qualquer aparelho é inoperante” (p. 47).

Sobre a educação infantil em Kant, Menezes e Boto (2014, p. 449) pontuam:

Kant considera importante resistir com firmeza aos desejos espontâneos das crianças, de maneira a poder, num primeiro momento, discipliná-las; em seguida, moralizá-las. Da inclinação contida pela disciplina será engendrado o autodomínio, a capacidade de resistir ao impulso, a habilidade de controlar as próprias afeições. Kant compreende que são duas práticas diferentes, porém, complementares: disciplina e moralização. A disciplina é apenas hábito – em ainda que necessária, é, enquanto tal, insuficiente. O discernimento construído mediante exercício da reflexão sobre máximas inscritas em suas ações levará a criança a progressivamente formar os alicerces de seu caráter.

Tais exemplos levar-nos-ão a concluir, com o filósofo, que “as crianças devem ser instruídas apenas naquelas coisas adaptadas à sua idade” (p. 82). Para Kant, quando a criança quer fazer coisas que não seriam apropriadas ao mundo infantil, podem tornar-se “afetadas”, conceito que não detalha, mas que se pode inferir pelo contexto, que seria tentar viver uma realidade que não é sua.

A infância é chamada a entrar no jogo, já que razão, educação e cultura entrelaçam-se desde esse momento, até que o jovem finde seu processo formativo. Também vemos a noção de corporeidade sendo inserida nessa dinâmica, tendo na educação física uma passividade (o que alguém faz com o corpo infantil no intuito de desenvolvê-lo), enquanto a moralidade entra no contexto de uma criança ativa (disciplinada e moralizada, com foco no que pensa e no que sente).

Finalmente, a última parte da obra, conforme perspectiva de Ribeiro e Zancanaro (2011), trata da educação prática, girando em torno das ideias de disciplina e de treinamento. A disciplina seria um estágio propedêutico da educação, proibitiva de danos que poderiam ser causados pela animalidade que todo homem carrega. Coibi-la seria tarefa do treinamento. Andrade (2012) é pontual ao mostrar o sentido que Kant pretende dar à expressão “prático”: é aquilo que deve acontecer mediante as leis da liberdade.

Daí o entendimento de Brito e Lima (2017) de que a educação propugnada por Kant é um caminho difícil e longo, cuja trajetória deve ser traçada continuamente. Uma educação que tenha por objetivo pessoas autônomas deve juntar lições de experiência e um projeto de razão, posto que só se obtém autonomia quando o homem segue o caminho da própria razão.

Talvez por isso a ênfase da terceira parte da obra esteja na relação entre moralidade e caráter (SILVA; FELIPE; MASCARENHAS, 2018).

Pensando a ideia de caráter em Kant, Oliveira (2004) pontua que a definição tem a ver com o hábito de agir dentro de determinada principiologia. Esta principiologia inicia-se na escola e segue com a humanidade. Quando se quer moldar o caráter infantil, deve-se enfatizar o que se deseja em

tons de lei, fazendo os menores seguirem-nas de forma fidedigna, o que tende a estreitar vínculos de confiança entre os homens.

Já em relação à moralidade, Kant diz que ela existirá na educação quando se estabelecem bons princípios que sejam entendidos e acatados pela mente infantil. Afinal, para ele, o homem não é bem ou mal por natureza e sim aprende a ser moral, conseqüentemente, bom. A ideia de Deus pode ser usada no processo: “A criança deve aprender a reverenciar a Deus primeiro como Senhor de sua vida e do universo; depois como providente e, finalmente, como seu juiz” (KANT, 2011, p. 100).

Por fim, Kant acha prudente ensinar a criança a dar pouco valor aos gozos dos prazeres da vida, o que a libertaria do temor da morte. Também crê ser importante o exame diário da própria conduta, para que consiga fazer uma adequada apreciação do valor da vida, quando esta estiver chegando ao fim dela.

Em todo este percurso, a ideia da educação como arte, porque trabalho construído por pessoas, entre gerações que atravessam o tempo. Damasceno (2015) apontará em Kant uma constante busca de relacionar o conceito com as diversas manifestações da vida do homem. Para ela, a arte é instrumento de libertação, o qual retira a espécie humana da natureza e a leva para o prazer. Nesta perspectiva, Lino (2008) a apontará, em sentido kantiano, como similaridade com a Natureza, só que atravessada pela consciência humana: é o homem que significa a arte enquanto tal, acionando-a.

Transpondo o conceito para o campo educativo, Wendt (2012) proporá a distinção entre “arte da educação” e “arte de educar”. A “arte de educar” é entendida como “[...] as ferramentas que cada geração encontra e agrega no processo educativo de acordo com as necessidades de seu tempo, na busca em desenvolver as disposições naturais” (a arte de educar juntamente com a arte de governar os homens são, para Kant, tarefas muito difíceis) e “arte da educação” é traduzida como pedagogia, em tons mais científicos, tendo, assim, a obrigação de ser raciocinada: “[...] por um modelo raciocinado ele quer demonstrar que a educação deve seguir um plano, um caminho seguro que possa conduzir cada geração e progredir nos ensinamentos da que a sucedeu” (WENDT, 2012, p. 14).

Kant salienta que toda a educação tornar-se arte significa desvelar o desenvolvimento das disposições naturais humanas. A “arte de educar” só pode surgir quando uma geração transmite experiências e conhecimentos a outra, a qual acrescentará algo próprio e também passará à próxima.

Já a “arte da educação” pode ser “mecânica”, aquela que ocorre sem um roteiro, de modo circunstancial, ou “raciocinada”, desenvolvendo a natureza humana de modo que ela possa alcançar seu destino. Tão importante, o raciocinar deve ser apropriado pela pedagogia: “[...] a pedagogia deve tornar-se um estudo, de outro modo, nada se poderia dela esperar e a educação seria confiada a pessoas não educadas corretamente [...]” (KANT, 2011, p. 21). A ciência deve tomar o espaço do mecanicismo.

Tendo em vista o exposto, acredita-se ter empreendido um panorama reflexivo da obra, cumprindo-se o objetivo de discutir a obra “Sobre a pedagogia” com foco no projeto kantiano de educação. Revisando alguns autores, buscou-se traduzir pontos primordiais para a educação contemporânea, sem cair em um possível anacronismo. Ao olhar o conjunto, entende-se uma das razões de Kant ser tão necessário aos dias de hoje: a aposta na educação como base para o alcance do bem comum. O pensador, ao descrever, explicar e interpretar, cumpre a missão filosófica ao melhor estilo e, como provocação, inquieta o interlocutor dele ao propor, com base no trabalho intergeracional que a educação deve fazer, uma pergunta – para alguns tacitamente, para outros, de modo explícito: que educação deixaremos para as futuras gerações de modo a que o labor educativo seja continuado?

Longe de arriscar uma resposta definitiva – para que, se é tão importante o processo de pensar sobre esta indagação? – a perspectiva de quem escreve o texto é que esta pergunta deve ser feita cotidianamente a cada um e a cada uma de nós: a todo momento educamos, posto que não se faz educação apenas em espaços formais, como a escola.

## **Considerações finais**

O artigo objetivou discutir a obra kantiana “Sobre a Pedagogia”, com foco no pensamento sobre a educação. Entendeu-se por indispensável buscar subsídios no campo filosófico para pensar os desafios da contemporaneidade, por intermédio de um exercício de reflexão. Para tanto, além da leitura e apreensão da obra do filósofo de Königsberg, empreendeu-se o diálogo com alguns comentadores, para subsidiar a discussão e tornar este artigo um prolegômeno a quem se interessar em ler o conjunto de preleções do “pensador da modernidade”.

Um corpo a ser disciplinado desde a infância, para, em seguida, ser moralizado. Uma criança em vias de emancipação. Processos imbricados em uma educação que visa “hominizar o homem”. Educação vista como arte, como teleologia, como axiologia: fruto do que o homem empreende entre gerações, geradora do desenvolvimento da razão. Neste sentido é que se pensa como os conceitos interligam-se e podem ser potencializadores, na atualidade, de uma reflexão prática para o trabalho educativo dentro do nosso modelo de sociedade.

A infância, enquanto porta de entrada para a hominização, torna-se cenário de desenvolvimento dessas noções. Kant, no melhor estilo filosófico, ajuda a pensar questões elencadas no início deste artigo. Valendo-se da educação, em seu uso da razão, é possível apropriar-se do conhecimento produzido e refletir sobre as questões postas em nossa contemporaneidade, ao gosto do melhor estilo filosófico, no sentido de que propor questões pode ser até mesmo melhor do que respondê-las.

Percebeu-se, após análise da obra e de autores e autoras que versaram sobre o tema, porque Kant é considerado um clássico. A obra “Sobre a pedagogia” ultrapassa o momento em que foi produzida, servindo para pensarmos a educação no tempo presente, inclusive com foco em conceitos como arte, corporeidade e infância: a leitura do pensamento kantiano conduz a uma problematização do contemporâneo das práticas educativas, retraduzindo a criança como sujeito em plena potencialidade, o que torna o educador um mediador do que ela é e do que pode vir a ser. Isso é fundamental para o chamado a uma dimensão ética, pois que implica pensar que infante queremos fornecer ao corpo social.

Percebeu-se, como principal conclusão, a necessidade da constante reflexão que a prática pedagógica requer. Neste diapasão, fundamental a crítica kantiana e da filosofia como um todo para a não naturalização de conceitos como os aqui trabalhados. Deve-se perceber que a finalidade da educação necessariamente implica uma grande responsabilidade: desenvolver pessoas autônomas, morais, racionais. Promover o bem que já estaria em potência no humano traduz um ideal kantiano complexo.

Por fim, acredita-se que as questões levantadas neste artigo e o objetivo proposto encontrarão sempre necessidade de novas indagações, reflexões e respostas provisórias para o sujeito cognoscente. Novos trabalhos são necessários nesta empreitada, ficando esta necessidade como sugestão para futuras pesquisas.

## Referências

- ANDRADE, R. Disciplina na educação prática de Kant. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 3, n. 2, p. 179-188, dez. 2012. ISSN 1984-9605. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635456>>.
- BRITO, J. W. R.; LIMA, F. J. G. de. A Educação em Kant como condição da autonomia do indivíduo. **Cognitio- Estudos: revista eletrônica de filosofia**, v. 14, n. 2, p. 199-217, dez. 2017. ISSN 1809-8428. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/35399>>.
- CALVINO, Í. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?** Campinas: Papirus, 1991.
- DAMASCENO, J. C. A estética kantiana: o belo, o sublime e a arte. **Intuição: Revista do PPG em Filosofia da PUCRS**, v. 8, n. 2, p.146-158, dez. 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuicao/article/view/18840/14206>.
- DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Nacional, 1974.
- FONTANELLA, F. C. Prefácio. In: KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. 6 ed. Piracicaba: Unimep, 2011.
- GONDIM, H. C. G.; VERAS, R. P. A pedagogia kantiana e a educação em Rousseau: comparações morais e políticas. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. 1, n. 17, p. 99-114, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/12119>.
- KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. 6 ed. Piracicaba: Unimep, 2011.
- LINO, A. de C. **Belo e sublime: a mulher e o homem na filosofia de Immanuel Kant**. 2008. 90p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2008.
- MENEZES, E.; BOTO, C. Algumas notas sobre educação e ética à luz do pensamento de Kant. **Educação (Porto Alegre)**, n. 3, set.-dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/16740/12453>.
- MULLER, F. Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 32, p. 123-141, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602008000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602008000200010&lng=en&nrm=iso)>.
- OLIVEIRA, M. N. de. A educação na ética kantiana. **Educação & Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 447-460, dez. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022004000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 jul 2019.
- PERINE, M. A educação como arte segundo Kant. **Síntese: Revista de Filosofia**. Minas Gerais, v. 14, n. 40, p. 9-32, 1987.
- RIBEIRO, S.; ZANCANARO, L. Educação para liberdade – uma perspectiva kantiana. **Revista Bioethikos**. São Paulo, v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/82/Art11.pdf>.
- SILVA, L. A. KANT E A PEDAGOGIA. **Revista Inter Ação**, v. 32, n. 1, p. 33-45, dez. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/1393>>.
- SILVA, A. R. P. da; FELIPE, T. W. S. S.; DO MASCARENHAS, S. A. do N. FORMAÇÃO E PRÁXIS DO EDUCADOR: reflexões com foro em Marx, Kant e Condorcet. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades - RECH**, [S. l.], v. 2, n. 1, Jan-Jun, p. 49-67, ago. 2018. ISSN 2594-8806. Disponível em: <<http://periodicos.ufam.edu.br/rech/article/view/4756>>.

SOUZA JÚNIOR, E. de. **Educação e moral no pensamento de Kant**. 2005. 109p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

WENDT, C. E. Iluminismo pedagógico: disciplina, educação e moralização em Kant. **Revista Espaço Acadêmico**, Rio de Janeiro, n. 134, jul. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17679>.